



Projeto Mário Travassos

Artigo de Opinião

**Caderneta de Operação para o Chefe de Peça da
Viatura Blindada Lançadora Múltipla Universal
Média Sobre Rodas no cumprimento da Missão
de Tiro**

**Josafã Sales Ladislau – 3º Sgt
(Opinião de inteira responsabilidade do autor)**

2022

Com o avanço da tecnologia moderna, voltada aos meios militares bélicos, a Artilharia sofreu diversas mudanças em seu meio de adequação de seu material com o poder de fogo necessário para a conservação da supremacia em seus sistemas de Artilharia. Dessa maneira, viu-se a necessidade da utilização dos Mísseis e Foguetes e a criação de um local onde o Exército Brasileiro (EB) pudesse aprimorar a Doutrina através de Exercícios no Terreno.

A elaboração de um Forte voltado aos Mísseis e Foguetes levou à composição de manuais a partir daqueles que já eram usados a Artilharia de Campanha (Art Cmp), adaptando-os à nossa presente realidade. Dessa forma, tendo como missão apoiar a força pelo fogo, destruindo ou neutralizando os alvos que ameacem o êxito da operação (C 6-1 – Emprego de Artilharia de Campanha).

Uma Artilharia Divisionária (AD) aprofunda o combate, atirando sobre alvos que, situados além do alcance das Artilharias de uma Brigada, ainda ameacem os elementos aliados, com intuito de aprofundar o combate buscando alvos altamente compensadores, de preferência, no início do combate desencadeando diminuição considerável na moral do oponente ao afetar seu poder de fogo, Comando e Controle, impedindo reforços e sua Logística. Sendo a AD composta por 1 (uma) Bateria de Comando (Bia C), 1 (uma) Bateria de Busca de Alvos (Bia BA), 1 (uma) Bateria de Lançadores Múltiplos de Foguetes (Bia MF), Grupos de Art Cmp de calibre médio e 1 (um) Grupo de Artilharia Anti Aérea (GAA Ae) (C 6-1 – Emprego de Artilharia de Campanha).

A Artilharia de Mísseis e Foguetes (Art Msl Fgt) é organizada como Unidade Tática e Logística, sendo também auto suficiente, servindo como meio de Apoio de Fogo (Ap F) de uma Divisão de Exército (DE). Uma Bia MF tem em sua composição 1 (um) Comando (Cmdo), 1 (uma) Seção de Comando e Logística (Seç Cmdo Log), 1 (uma) Bateria de Tiro (Bia Tir) e uma Seção de Reconhecimento, Comunicações e Observação (Seç Rec Com Obs) (C6-16 – Bateria de Lançadores Múltiplos de Foguetes).

Ao ser designada uma Missão, o Comandante de um Grupo de Mísseis e Foguetes (GMF) deve participar do Estudo da Situação e estar em condições de divulgar quais linhas de ação cada Bia MF deverá executar, sendo auxiliado pelos seus subordinados, os quais deverão estar cientes de todos os detalhes que os são pertinentes.

As viaturas do Sistema Astros são compostas por uma Viatura Blindada capaz de suportar todos os tipos de plataformas responsáveis pela execução da missão, podendo ser montadas com uma tração de 4x4 ou 6x6, sendo conhecidas como Viatura Blindada Leve e Viatura Básica.

A união entre uma Viatura Básica, de tração 6x6, com uma Plataforma de Lançadora Múltipla (PLM), gera a Viatura Blindada Lançadora Múltipla Universal Média Sobre Rodas (VB LMU-MSR), que é a responsável pelo lançamento dos Mísseis e Foguetes. Cada VB LMU-MSR tem como guarnição 01 (um) terceiro sargento (Chefe de Peça), 01 (um) cabo ou soldado motorista, 01 (um) cabo apontador e 01 (um) soldado auxiliar.

O Chefe de Peça (CP) da VB LMU-MSR deve preparar sua viatura antes de qualquer missão, sendo responsável pela conferência de todo material que pode e deverá ser usado durante a Operação, assim como o pleno conhecimento da solução de qualquer problema que possa ocorrer e que possa atrapalhar o êxito Missão de Tiro.

Ao tomar conhecimento de uma possível Operação, os CP de cada viaturas deverão solicitar a solução de todos os questionamentos quanto a Missão. Tais questionamentos deverão ser de amplo conhecimento de todos os militares de sua Guarnição (Gu) em seus determinados escalões, com o intuito de alimentar o sistema de controle do Cmdo. Para isso, foi verificada a necessidade da criação de uma caderneta operacional voltada ao cumprimento da missão por cada viatura do Sistema de Mísseis e Foguetes, baseado em questões similares às “cadernetas de patrulha” utilizada nas Escolas de Formação dos combatentes de carreira do Exército Brasileiro.

O desenvolvimento se daria, por início para auxílio das Fases 6 (Reconhecimento das Bia de 2º/3º Escalão) e 7 (Ocupação de Posição e Desdobramento do GMF), onde os Comandantes de Bateria, após a decisão do Cmt GMF que recebeu a missão, apoiado pelos seu Estado Maior (EM), transmitiria as informações necessárias aos seus subordinados e levantaria quais as possibilidades e necessidades para o cumprimento de cada MT.

A quantidade de “Possibilidade de Tiro” deve atender as necessidades para o do Escalão Superior, o qual será orientado pela Seção de Direção de Tiro sobre quais as missões que poderemos atender com cada munição existente no GMF. Tais informações como: Alcance de cada Munição, Quantidade de Munição para abater o alvo, Nível de Certeza a ser obtido e Saturação (Neutralização ou Destruição), características do alvo e prioridade de abater cada alvo. A situação da munição deve ser atualizada a cada execução de MT não só pela Seção de Direção de Tiro, como também a confirmação pelos CP das LMU.

Nas Posições de Espera (Pos Espa), são realizados os carregamentos das Lançadoras com os Mísseis e Foguetes a serem utilizados na missão, assim como o teste dos Contêineres Lançadores (CL) e das munições, sendo a PLM apontada para a Direção Geral de Tiro (DGT), como forma de segurança caso haja um disparo acidental.

Ao entrar na Posição de Tiro, as LMU deverão estar com suas PLM apontadas para o alvo, aguardando as correções de ajustagem (se for o caso) e as correções meteorológicas. A ajustagem é feita pelo lançamento de Foguetes no modo “Tiro a Tiro”, por uma das Lançadoras e pelo “traqueamento” deste foguete pela Viatura Blindada Unidade Controladora de Fogo Média Sobre Rodas (VB UCF-MSR).

Até o momento da execução do disparo da “Rajada”, o CP mantém atento a todas as informações transmitidas pelo Sistema de Comunicações, tanto via Rádio 1, como pelas mensagens recebidas no Console de Operações (COp). Após a realização da MT, o CP e sua Gu deverão realizar os procedimentos necessários para a desocupação da posição e deslocamento pelo itinerário até a Pos Espa, para o aguardo da próxima Missão.

No término de toda a Operação, o CP deverá fazer uma conferência minuciosa, assim como um relatório com todos os problemas encontrados na viatura no decorrer, ou avarias, que serão remetidas ao Cmt Bia e solucionadas pela Equipe de Manutenção.

A Caderneta de Operações irá facilitar ao CP na hora de definir quais atitudes deverão ser tomadas para a preparação antes da missão, quais ferramentas serão imprescindíveis na hora da execução ou na solução de panes que não tenham sido verificadas no momento anterior. Assim como as informações anteriores para a preparação da Viatura para a Posição de Tiro (Pos Tir) com sua Deriva e Elevação antes das correções, o Diagrama Rede Rádio (DRR), itinerário da viatura pela Tabela de Navegação com as coordenadas de cada ponto, quantidade de foguetes que será usada na primeira MT e suas configurações (caso de munição com Cabeça de Guerra, ajustada com temporizador), horário do desencadeamento e da ocupação da posição, Ponto de Referência e Deriva de Referência para cada ponto distante obtido pelo Adjunto da Seção de Reconhecimento Comunicação e Observação (Adj Sec Rec Com Obs). A Caderneta também conterà um pequeno check list da situação geral da viatura após o término da Operação, facilitando o controle e a tomada de decisões necessárias para a manutenção do material.

REFERÊNCIAS

C 6-1. Emprego da Artilharia de Campanha, Brasil, ano 1997, ed. 3^a.

C 6-16. Bateria de Lançadores Múltiplos de Foguetes, Brasil, ano 1999, ed. 2^a.